

A Sua Excelência o Senhor
JOSÉ EDUARDO CARDOZO
Ministro de Estado da Justiça
Esplanada dos Ministérios
70064-900 Brasília DF

REQUERIMENTO DE ANISTIA POLÍTICA

CARMEN IBSEN CHATEAU DE VOEROES, chilena, viúva, aposentada, RNE nº W168532-Z, CPF nº 746.646.668-20, residente à Rua Bartira 525, apartamento 121, Perdizes, CEP 05009-000 – São Paulo, SP, requer, **na forma do at. 2º, § 2º da Lei nº 10.599 de 13 de novembro de 2002**, o reconhecimento da condição de Anistiado Político "*post mortem*" de **ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOEROES**, pelas razões de fatos e direito que passa a expor.

1 – DOS FATOS

ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOEROES, juntamente com Lauriberto José Reyes, foi morto, por motivação política, enquanto encontrava-se na militância, por meio de emboscada armada, por parte de agentes do DOI-CODI/SP, na rua Serra de Botucatu, bairro do Tatuapé. O relato oficial das circunstâncias de sua morte é extraído do Livro Direito à Memória e à Verdade, da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, onde se verifica que o Estado brasileiro reconheceu expressamente **ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOEROES** como morto, na forma da Lei nº 9.140, de 04 de dezembro de 1995. Segue a transcrição do relato:

Alexander José Ibsen Voeroes e Lauriberto José Reyes, militantes do MOLIPO, foram mortos em São Paulo por agentes do DOI-CODI/SP em 27/2/1972.

Alexander era chileno, estudante secundarista e morreu com 19 anos. Estudou no colégio de Aplicação até 1969 e, no ano seguinte, preparou-se para o vestibular no curso Equipe, em São Paulo. Não há

C de Voeroes

outros registros de sua biografia na CEMDP. Os órgãos de segurança o incluem como participante de inúmeras ações armadas em São Paulo desde de 1970, realizadas pela ALN, da qual tinha sido militante, e pelo MOLIPO.

(...)

A nota policial, publicada em fevereiro de 1972, dizia que Alexander e Lauriberto foram mortos na rua Serra de Botucatu, no bairro do Tatuapé, zona leste de São Paulo, depois do intenso tiroteio, sendo também morto um funcionário público aposentado. Napoleão Felipe Biscaldi, morador local.

(...) No laudo de Alexander (...) são descritos quatro tiros: um no braço direito, dois na cabeça e um no pescoço. Aos examinar os documentos e algumas contradições entre as informações divulgadas nos jornais da época, o relator da CEMDP passou a considerar a hipótese de execução, solicitando que os familiares fizessem um levantamento mais detalhado.

A Comissão de Familiares voltou ao local, na rua Serra de Botucatu, no Tatuapé (SP), exercendo exaustiva pesquisa com vários moradores da rua e imediações. Em relatório apresentado à CEMDP, constam depoimentos comprovando que o local estava ocupado por verdadeira operação militar, incluindo a presença de uma metralhadora tripé. Um dos depoentes relatou ter visto um rapaz bem jovem, que tentava correr, mancando e segurando a perna. Viu também um Opala branco com policiais armados de metralhadora, com metade do corpo para fora, que atiraram em Napoleão Felipe Biscaldi, que procurava atravessar a rua e, em seguida atiraram no rapaz que mancava. Segundo o mesmo morador, "parecia uma guerra - todo mundo viu ou ouviu que Napoleão foi morto pela polícia, mas era um tempo em que todo mundo tinha medo de falar".

Pelos relatos colhidos no local, todos foram testemunhas da execução dos militantes e do vizinho Napoleão, cujo corpo ficou cinco horas na rua, enquanto os corpos de Lauriberto e Alexander foram levados de imediato. Não foi feita qualquer perícia no local, DE acordo com a

C de Verses .

pesquisa, concluiu-se que o rapaz morto junto ao Sr. Napoleão foi Alexander, sendo Lauriberto morto no outro quarteirão. É referida também a presença entre policiais e uma jovem portando características típicas de outra militante do MOLIPO, que estava presa e pode ter sido levada a informar o local de encontro com os companheiros mortos.

O relator do processo de Lauriberto na CEMDP considerou evidente a existência de um cerco previamente montado, ressaltando os quatro tiros descritos em Lauriberto: dois na cabeça, um no ombro e outro na perna direita, chamando atenção para os dois tiros certos na cabeça, indício forte de execução, uma vez que outros tiros seriam suficientes para imobilizá-lo.

Alexander foi enterrado no Cemitério da Paz, na Vila Sônia, em São Paulo. Relatório encontrado nos arquivos do DOPS comprova o acompanhamento do enterro pelos agentes policiais, informando que no IML haveria cerca de 50 pessoas e que o cortejo foi composto de mais ou menos 12 carros. Dirigido ao delegado titular do DOPS, os agentes garantem que o caixão não fora aberto pelos militares, o que parece denotar esforço para relatar que uma ordem recebida fora cumprida.

O caso Lauriberto foi julgado e deferido pela CEMDP em agosto de 1997. A família Voeroes, no entanto, somente deu entrada ao processo em 2002, após reabertura de prazo da Lei nº 9.140/95. O relator retomou o parecer do caso de Lauriberto, por se tratar de situação análoga. "As testemunhas, moradoras do bairro, deixam claro que não houve perícia no local e que os corpos foram jogados no porta-malas do veículo. As depoimentos falam de um cerco, de um dispositivo que evidenciava completa superioridade e controle pelos agentes de segurança". Pelos depoimentos, agregou relator, depreende-se que os agentes do DOI-CODI mataram Napoleão Biscaldi supondo tratar-se também de um militante do MOLIPO. Napoleão Biscaldi consta, em publicações, entrevistas e sites de ex-integrantes dos órgãos de segurança, como um dos nomes de pessoas que teriam sido mortas pelos militantes de esquerda.

(...)

C de Voeroes.

Ainda sobre o caso de **ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOEROES**, sua mãe, Carmen Ibsen Chateau de Voeroes, escreveu em 20 de outubro de 1999, como declaração submetida a processo de indenização, seu parecer:

Alexander Voeroes Tóth, húngaro, e Carmen Ibsen Chateau de Voeroes, chilena, casados dia 9 de outubro de 1951 em Santiago de Chile, chegamos ao Brasil no dia 28 de agosto de 1952, com um bebê de um mês, como imigrantes, com visto permanente.

Nosso filho Alexander José Ibsen Voeroes estudou a partir de 1959 no Grupo Escolar Tomás Galhardo, rua Marcelina, Vila Romana. Depois, até completar o primário, estudou no Ginásio e Escola Técnica de Comércio Mário de Andrade, rua Caio Graco 263, Vila Romana, diplomou-se aí em dezembro de 1962.

No dia 1 de junho de 1962 fez a 1ª Comunhão na Matriz de São João Vianney, Água Branca. Foi coroinha nessa igreja, nas missas de domingo.

No segundo semestre de 1963, fez o 5º ano no Grupo Escolar Pereira Barreto, da Lapa. Sendo admitido para o curso ginásial no Colégio Campos Salles, rua 12 de outubro 375, Lapa, [diplomou-se] no dia 19 de fevereiro de 1968.

Por recomendação dos professores do Colégio Campos Salles, fez exame de admissão, para o Colégio Estadual Fidelino de Figueiredo, rua Gabriel dos Santos 30. Sendo admitido, cursou o científico até 1970; nesse ano, ganhou uma bolsa de estudo integral no Centro de Estudos Filo-Juris para candidatar-se [ao] curso de Biologia [da] USP.

Durante os dois primeiros anos do científico, percebi que se falava muito em política, reclamei com a diretora várias vezes, a qual me convenceu que era próprio da idade e não precisava preocupar-me com isso. Pois [nos] preocupávamos, por estarmos acompanhando o momento político do país. Passou mais de um ano sem ouvirmos falar mais em política.

C de Voeroes

Qual não seria nossa surpresa, quando em outubro de 1971, (...) um grupo de policiais fortemente armados, inclusive com metralhadoras, chegou em nossa casa buscando-o e acusando-o de subversivo. Revistaram especialmente seu quarto, levaram certos documentos, todos trabalhos escolares, inclusive sobre a Hungria, pátria do pai, que naquela época fazia parte do bloco comunista. Não nos devolveram nenhum desses documentos.

Meu filho tinha muita energia, desde pequeno se sobressaía pela personalidade, inteligência, sociabilidade, querido e admirado pelos professores, colegas, amigos e vizinhos, tinha um forte espírito de liderança.

Os irmãos adoravam esse irmão mais velho porque sempre lhes deu muita atenção, conversando e brincando com eles.

Como Alexander não apareceu em casa, a polícia retirou-se no dia seguinte. Não mais o vimos, recebemos uma carta dele, pedindo para não nos preocuparmos, pois ele era inocente, para Natal [no] recebermos também um cartão.

Ele tinha um grupo grande de colegas do Colégio Fidelino de Figueiredo, mais conhecido com Colégio de Aplicação, [que] foram processados pelas Justiça Militar por subversão. (...)

Foi defendido e inocentado pelo advogado nomeado pelos militares, chamado Juarez A. A. de Alencar (...).

O que mais nos impressionou foi a acusação de: "Alexander José Ibsen Voeroes é outro estrangeiro que vem fazer subversão no Brasil. Foi membro do VAR, em sua residência houve apreensão de valioso material (fls193). Não tem atos plenamente fixados, mas a filiação é suficiente para uma condenação".

Essa acusação nos doeu muito, pois ele chegou ao Brasil com a apenas um mês; a única vez que viajou para o exterior foi quando tinha dez anos, para conhecer os parentes no Chile, num passeio de um mês, de 5 de janeiro de 1962 até 7 de fevereiro de 1962.

Ele amava o Brasil, queria naturalizar-se, mas não houve tempo.

C de Voeroes.

Os irmãos mais novos, de 14, 7 e 5 anos, sentiam muito sua falta e nós estávamos muito preocupados com seu paradeiro.

Com a sentença de inocência, sentimos um certo alívio e pensamos que ele voltaria para casa.

Em todo o tempo que não soubemos dele, fomos vigiados e nossa correspondência e telefone também.

Dia 28 de fevereiro de 1972, quando assistíamos TV soubemos que ele tinha morrido numa emboscada feita pela polícia; tinha sido metralhado, teve 17 perfurações a bala.

Só no dia 29 a polícia nos entregou o cadáver, não permitindo que fizéssemos velório.

Foi enterrado [no] dia 1º de março, no Cemitério da Paz.

O Consulado Chileno, sabendo da notícia nos chamou, querendo saber se estávamos de acordo em fazer uma reclamação internacional sobre o assassinato dele, pois foi divulgado tanto no processo quanto no comunicado aos meios de [informação] e com ênfase em sua nacionalidade, muito convenientemente, porque na época o governo chileno era de orientação socialista, sendo basicamente o único pretexto. Ponderamos que tínhamos mais três filhos menores, todos nascidos no Brasil, querendo que eles fossem educados respeitando seu país, sem ódio nem rancores, portanto nos recusamos a fazer qualquer pleito.

Finalmente, transcreve-se aqui a carta de despedida que o próprio ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOEROES escreveu à sua família, no começo de 1971, já em militância. Seu pai, Alexander Voeroes Tóth levou à polícia em tentativa de inocentá-lo, ocasião em que o original foi retido:

"Querida família,

E aqui vou-me embora. Afinal tomei a decisão, por isso demorei em cumprir a promessa de escrever novamente. Na verdade preferia fazê-lo só quando estivesse lá fora, mas imagino que devem estar algo aflitos, e examinando as coisas no final das contas acho

C de Voeroes . 6

que não há problema algum. Por outro lado se a prudência me permite a carta, fico impedido de telefonar forçado então a permanecer nessa comunicação unilateral, mandando notícias sem esperar resposta. É duro!

É, mas não tem problema, a próxima carta virá em espanhol, "muy fluente y con remetente (importante)". E se for telefonar, apelarei para "as mais avançadas técnicas modernas: "nada mais anda menos que o ... Intelsat".

Vamos ver afinal como são as sul-americanas. Aqui parte Don Juan em expedição de reconhecimento e conquista (se agradecer!) das "latinas tan latinas".

, pois já dizia Caetano:

"Soy loco por ti América"

Esta carta começou a ser escrita dia 4, aniversário da mana, e ia inicialmente com a intenção de felicitá-la – na verdade não perdeu essa intenção original, foi apenas acrescentada – por isso vão junto (ou "vão anexo" como costumava escrever nas cartas da mamãe) três modestos presentinhos, um para a Margarida, outro pro Jorge e outro pra Cristina. São super legais. Ainda pra Margaria vai um:

"Parabéns!"

daqueles bem grandes e ainda mais "aquele abraço".

Como dizia, as intenções dessa carta foram apenas acrescentadas. Assim vai um abraço pro Jorge, Cristina, Mamãe, Papai, para todo mundo (não esqueças Aparecida e Amigos).

Mas o que gostaria mesmo era de permanecer no Brasil, no final é chato que a gente passou anos nesta terra tão intimamente ligado a ela ter de sair. A gente sabe que vai sentir saudades e até desabituado. É por isso que escolhi a América Latina para fixar-me, é que apesar das diferenças a gente tem uma certa personalidade continental. Um pouco mais para fora, mas a gente ainda está com os seus, e ainda existem universidades muito boas por aqui. Enfim,

C de Voando 7

dá pra recomeçar a vida de novo e pensando bem: não vamos recomeçar mas começar verdadeiramente.

Mas tudo isso é um parêntesis para o que eu dizia acima: que eu gostaria mesmo de permanecer no Brasil. Tinha esperanças de esfriar a barra e aí esclarecer os mal-entendidos, mas sabe qual é o critério desse pessoal: "todo mundo é considerado, em princípio, culpado, até provas em contrário".

Na entrevista dos que se recusaram a sair, houve coisas bem interessantes; lá tinha um sujeito que disse – "nem sei porque estou preso". Não, não quero pegar uma dessa, não. Preso sem saber porquê. E a falta de preocupação com a verdade ficou bem demonstrada com esse belo presente de Natal: o processo Var-Palmare. Coisa com a qual nunca na vida estive metido, nem pensei em fazê-lo, e ainda nunca cheguei a conhecer os gajos relacionados, pois são todos estudantes da manhã e devem ter saído há um bom tempo de lá. Todos os caras que encontram tratam logo de relacioná-los com alguma organização ter. Se eles pudessem prender toda a cidade e só soltar os amigos íntimos, já o teriam feito. Mas num tem nada não.

Algo me passou pela mente: afinal ô Pai, até que somos bastante semelhantes, essa epopeia não deixa de ter pontos comuns. Em algumas coisas às avessas em outras no mesmo plano. Pelo menos um ponto idêntico espero que tenhamos: que acabe tudo bem.... Assim será.

Outra coisa que me vem à memória é que nem sempre uma linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos. Sim, pois eu estando perto de vocês: no mesmo país, por causa dessa comunicação unilateral nunca estive tão longe. Então, paradoxalmente, para gente se aproximar deve afastar-se.

Tem outro ponto que queria abordar, já que falo nessa quebra de unilateralidade. Não vamos ser irrealis e voltar-se ao passado. Acho que a missão de vocês em relação a este filho já está definitivamente cumprida e brilhantemente. Vocês fizeram o que

puderam, e acho que fizeram bem. Deram-me coisas importantes: ser independente, saber se virar por si mesmo, ter capacidade de tomar suas próprias decisões. Cultura e independência, essas são duas coisas que fazem o homem mais livre. Por isso este bicho aqui se considera Homem. E sou grato.

Acho ainda que já não se deve dedicar tempo pensando ou se preocupando comigo. Esse tempo deve ser utilizado para os daí. A Cristina, o Jorge e a Margarida e para vocês mesmos. Eles precisam ser homens e vocês acho que já devem se considerar realizados em boa parte. Acho que comigo já cumpriram a tarefa.

Muitas vezes os pais por um certo egoísmo paternal acham que os filhos devem se fazer pela imagem que eles próprios gostaria de ter sido. Não é mesmo? Dependendo das bases em que for colocado pode se positivo ou não. O primeiro aspecto positivo dessa atitude é o fato dela ser voltada para a frente: "sempre melhor do que sou" Está implícita a ideia de progresso.

Agora, cada homem tem sua individualidade que distingue dos outros e sua que o aproxima e o faz pertencer à mesma espécie.

Não vamos colocar como objetivo para os filhos aqueles que são apenas projeções individuais, que são reflexo do que há de diferente entre os homens, pois o que seria realização de um pelo outro seria a negação deste. Sempre considerei vocês bastante esclarecidos nessa assunto, não querendo fazer, com muita gente, que o filho seja médico (por ex.) porque esse foi o sonho de juventude do pai. Isso de querer fazer o filho à própria imagem é uma realização feita com a negação da dos outros.

Por isso deve-se fixar naquilo que é comum entre as pessoas e que as aproxima. Porque, quando um homem se realiza nesse ponto, também o faz toda uma sociedade e aí se confirma o progresso: destina-se não só a continuação do ser humano, mas ao seu constante melhoramento. Fiquem atentos e verão onde quero chegar.

A verdadeira educação liberta o homem.

C de Vasconcelos -

Os pais não devem desenvolver ferramentas pelos filhos, muito menos ainda fazer a casa, mas sim desenvolver as ferramentas nos filhos, isto é, a capacidade de fazê-las.

Uma vez na igreja ouvi: Se vem uma pessoa e te pede um peixe, não dê. Ensine-a a pescar. Entenderam o que estou querendo agradecer?

Obrigado pela vara de pesca!

, pelos instrumentos que vocês me deram: cultura honestidade consigo mesmo, (aí se consegue para com os outros) e essa independência.

Pois que sabe transmitir essa capacidade de pescar aos outros, pelo que isso de tem de quebra de egoísmo, generosidade e confirmação do que há de bom no ser humano, pode, deve e tem a obrigação de ser considerado realizado.

Vocês verão só os peixes que eu vou pegar. Peixes que vocês nunca sonharam e sei que vão ficar contentes porque esse era o objetivo de você.

Tchau!

the end"

2 – DO DIREITO

O pedido ora formulado é alicerçado no art. 1º, I, que arrola os direitos constantes no regime do anistiado político, bem como no art. 2º, VII, da Lei nº 10.559, de 13 de novembro de 2002, que identifica o nexa da causalidade entre o fato ocorrido e sua exclusiva motivação política. Ressalta a requerente que, com esse fundamento, não pretende qualquer indenização ou reparação pecuniária, em decorrência da morte de Alexander nas circunstâncias explicitadas neste requerimento.

C de Veiros

3 - DO PEDIDO

Nesse sentido, estando comprovado que ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOEROES, à época de militância, fora punido por ato de exceção por motivação exclusivamente política, vindo a falecer em razão da violência sofrida, requer seja ALEXANDER JOSÉ IBSEN VOEROES declarado anistiado político, sem a concessão de qualquer benefício financeiro ou reparação pecuniária.

Passadas mais de quatro décadas desde o martírio de Alexander, a anistia aqui requerida é um gesto em busca da preservação, não só de sua memória, mas também de todos que ousaram se rebelar contra a ditadura militar.

Requer, por fim, diante da violência praticada por seu agentes que o Estado democrático brasileiro reconheça e peça publicamente perdão, de sorte a possibilitar à sociedade conhecer seu passado e dimensionar a falta que pessoas como Alexander José Ibsen Voeroes fazem ao país.

São Paulo, 17 de dezembro de 2013

C de Voeros.

CARMEN IBSEN CHATEAU DE VOEROES